Am Philoso Society.

MANIFESTO

DE

S. A. R. O PRINCIPE REGENTE CONSTITUCIONAL

E

DEFENSOR PERPETUO DO REINO DO BRASIL

AOS POVOS DESTE REINO.

BRASILEIROS.

ESTá acabado o tempo de enganar os homens.
Os Governos, què ainda querem fundar o seò
poder sobre a pertendida ignorancia dos Povos;
ou sobre antigos erros; e abusos, tem de ver o
colosso da sua grandeza tombar da fragil base,
sobre que se ergueram outr'ora. Foi, por assim
o não pensarem que as Cortes de *Lisboa* força-
ram as Provincias do Sul do *Brazil* a sacudir o
ugo, que lhes preparavam: foi por assim pen-
sar que Eu agora já vejo reunido todo o *Bra-*
il em torno de Mim; requerendo-Me a defeza
le seos Direitos, e a mantença da sua Liberda-
le, e Independencia. Cumpre por tanto, ó *Bra-*
ileiros que Eu vos diga a verdade; ouvi-Me pois.

O Congresso de *Lisboa* arrogando-se o direi-
o tyrannico d' impor aò *Brasil* um artigo de no-
a crença, firmado em um juramento parcial,
promissorio, e que de nenhum modo podia en-
volver a approvaçaõ da propria ruina, o com pel-
io a examinar aquelles pertendidos titulos, e a
onhecer a injustiça de taõ desacisadas pertenções.
Este exame, que a razaõ insultada äcconselhava,
requeria, fez conhecer aos Brasileiros que Por-
ugal, destruindo todas as formas estabelecidas;
mudando todas as antigas, e respeitáveis institui-
ões da Monarchia, correndo a esponja de ludi-
rioso esquecimento por todas as suas relações;
reconstituindo-se novamente, naõ podia compul-
al-os a acceitar um systema deshonroso, e aviltador
em attentar contra aquelles mesmos principios, em
ue fundára a sua revolução, e o direito de mudar
s suas instituições politicas, sem destruir essas
ases, que estabeleceram seos novos direitos, nos
ireitos inalienaveis dos povos, sem attropellar a
narcha da razaõ, e da justiça, que derivam suas leis
a mesma natureza das cousas, e nunca dos ca-
richos particulares dos homens.

Então as Provincias Meridionaes do *Brasil*,
olligando-se entre si, e tomando a actitude ma-
estosa de hum Povo, que reconhece entre os
eos direitos os da liberdade, e da propria feli-
dade lançaram os olhos sobre Mim, o Filho do seu Rei, é seu Amigo, que, encarando no seo verdadeiro ponto de vista esta tão rica, e grande porção do nosso globo, que, conhecendo os talentos dos seos habitantes, e os recursos immensos do seo Sólo; via com dôr a marcha desorientada, e tyrannica dos que tão falsa, e prematuramente haviam tomado os nomes de Paes da Patria, saltando de Representantes do Povo de *Portugal* a Soberanos de toda a vasta Monarchia *Portugueza*. Julguei então indigno de Mim, e do grande Rei, de quem sou Filho, e Delegado, o desprezar os votos de Subditos tão fieis; que, supeando talvez desejos, e propensões republicanas, desprezarão exemplos fascinantes de alguns Povos visinhos, e depositaram em Mim todas as suas esperanças, salvando d'este modo a Realeza, n'este grande Continente *Americano*; e os reconhecidos direitos da Augusta Casa de *Bragança*.

Accedi a seos generosos, e sinceros votos, e conservei-Me no *Brasil*; dando parte d' esta Minha firme resoluçaõ ao Nosso Bom Rei; Persuadido, que este passo deverá ser para as Cortes de *Lisboa* o thermometro das disposições do *Brasil*, da sua bem sentida Dignidade, e da nova elevaçaõ de seos sentimentos, e que os faria parar na carreira começada, e entrar no trilho da justiça, de que se tinham desviado. Assim mandava a razaõ; mas as vistas vertiginosas do egoismo continuaram a suffocar os seos brados, e preceitos, e a discordia apontou-lhes novas tramas: subiram entaõ de ponto, como era de esperar, o resentimento, e a indignaçaõ das Provincias colligadas; e, como por uma especie de magica, em um momento todas as suas idéas, e sentimentos convergiram em um só ponto, e para um só fim. Sem o estrepito das armas, sem as vozerias d'anarchia, requereram-Me ellas, como ao Garante da sua preciosa Liberdade, e Honra Nacional, a prompta installaçaõ d' uma Assembléa Geral Constituinte, e Legislativa no *Brasil*. Desejàra Eu poder allongar este momento para vêr se o desvaneio das Cortes de *Lisboa* cedia às vozes da Razaõ, e da Justiça, e a seos proprios interesses; mas a ordem por ellas suggerida, e transmittida aos Consules Portuguezes de prohibir os

despachos de petrechos, e munições para o *Brasil*, era um signal de guerra, e um começo real d' hostilidades.

Exigia pois este Reino, que já Me tinha declarado Seo Defensor Perpetuo, que Eu Provesse do modo mais energico, e prompto á sua segurança, honra, e prosperidade. Se Eu Fraqueasse na Minha Resolução Attraiçoava por hum lado Minhas Sagradas Promessas, e por outro quem poderia sobr'estar os malles d'anarchia, a desmembração das suas Provincias, e os furores da *Democracia*? Que luta porfiosa entre os partidos encarniçados, entre mil successivas, e encontradas facções? A quem ficariam pertencendo o ouro, e os diamantes das nossas inesgotaveis Minas; estes rios caudalosos, que fazem a força dos Estados, esta fertilidade prodigiosa, fonte inexhaurivel de Riquezas, e de Prosperidade? Quem accalmaria tantos partidos dissidentes, quem civilisaria a nossa Povoação disseminada, e partida por tantos rios, que sam mares? Quem iria procurar os nossos *Indios* no centro de suas mattas impenetraveis através de montanhas altissimas, e inaccessiveis? De certo, *Brasileiros*, lacerava-se o *Brasil*; esta grande peça da benefica Natureza, que faz a inveja, e a admiração das Nações do Mundo; e as vistas bemfazejas da Providencia se destruiam, ou, pelo menos se retardavam por longos annos.

Eu Fora Responsavel por todos estes malles, pelo sangue, que ia derramar-se, e pelas victimas, que infalivelmente seriam sacrificadas às paixões, e aos interesses particulares: Resolvi-me por tanto, Tomei o partido que os Povos desejavam, e Mandei convocar a Assembléa do *Brazil*, a fim de cimentar a Independencia Politica d'este Reino, sem romper com tudo os vinculos da Fraternidade *Portugueza*; harmonisando-se com decóro, e justiça todo o Reino-Unido de *Portugal, Brasil, e Algarves*, e conservando-se debaixo do mesmo Chefe duas Familias, separadas por immensos mares, que só podem viver reunidas pelos vinculos da igualdade de direitos, e reciprocos interesses.

Brasileiros! Para vós não he perciso recordar todos os males, a que estaveis sujeitos, e que vos impelliram á Representação, que Me fez a Camara, e Povo desta Cidade no dia 23 de Maio, que motivou o Meu Real Decreto de 3 de Junho do corrente anno; mas o respeito, que devemos ao Genero Humano exige que demos as razões da vossa justiça, e do Meu Comportamento. A historia dos feitos do Congresso de *Lisboa* a respeito do *Brasil*, he uma historia d'enfiadas injustiças, e sem razões, seos fins eram paralysar a prosperidade do *Brasil*, consumir toda a sua vitalidade, e reduzil-o a tal innanição, e fraqueza, que tornasse infallivel a sua ruina, e escravidão. Para que o Mundo se convença do que Digo, entremos na simples exposição dos seguintes factos.

Legislou o Congresso de *Lisboa* sobre o *Brasil* sem esperar pelos seos Representantes, postergando assim a Soberania da maioridade da Naçaõ.

Negou-lhe uma Delegaçaõ do Poder Executivo, de que tanto precisava para desenvolver todas as forças da sua Virilidade, vista a grande distancia, que o separa de *Portugal*, deixando-o assim sem leis apropriadas ao seo clima, e circunstancias locaes, sem promptos recursos às suas necessidades.

Recusou-lhe um centro de uniaõ, e de força para o debilitar, incitando previamente as suas Provincias a despegarem-se d'aquelle, que jà dentro de si tinham felizmente.

Decretou-lhe Governos sem estabilidade, e sem nexo, com trez centros de actividade differente, insubordinados, rivaes, e contradictorios; destruindo assim a sua cathegoria de Reino, aluindo assim as bases da sua futura grandeza, e prosperidade, e sò deixando-lhe todos os elementos da desordem, e da anarchia.

Excluio de facto os Brasileiros de todos os Empregos honorificos, e encheo vossas Cidades de baionetas Europeas, commandadas por Chefes forasteiros crueis, e immoraes.

Recebeo com enthusiasmo, e prodigalisou louvores a todos esses monstros, que abriram chagas dolorosas nos vossos corações, ou prometteram não cessar de as abrir.

Lançou mãos roubadoras aos recursos applicados ao Banco do *Brasil*, sobrecarregado de uma divida enorme Nacional, de que nunca se occupou o Congresso: quando o credito d'este Banco estava enlaçado com o credito publico do *Brasil*, e com a sua prosperidade.

Negociava com as Nações estranhas a alienação de porções do vosso territorio para vos enfraquecer, e escravisar.

Desarmava vossas fortalezas, despia vossos Arcenaes, deixava indefesos vossos Portos, chamando aos de *Portugal* toda a vossa Marinha; esgotava vossos Thesouros com saques repettidos para despeza de tropas, que vinham sem pedimento vosso, para verterem o vosso sangue, e destruir-vos, ao mesmo tempo que vos prohibia a introducção de armas, e munições estrangeiras, com que podesseis armar vossos braços vingadores, e sustentar a vossa Liberdade.

Appresentou hum projecto de relações commerciaes, que, sob falsas apparencias de chimera reciprocidade, e igualdade, monopolisava vossas riquezas, feixava vossos portos aos Estrangeiros, e assim destruia a vossa Agricultura, e Industria, e reduzia os Habitantes do *Brasil* outra vez ao estado de pupillos, e colonos.

Tractou desde o principio, e tracta ainda com indigno aviltamento, e desprezo os Representantes do *Brasil*, quando tem a coragem de punir pelos seos direitos, e até (quem ousará dizel-o!) vos ameaça com libertar a escravatura, e armar seos braços contra seos proprios Senhores.

Para acabar finalmente esta longa narração de horrorosas injustiças, quando pela primeira vez ouvio aquelle Congresso as expressões da vossa justa indignação, dobrou de escarneo, ó *Brasileiros*, querendo desculpar seos attentados com a vossa propria vontade, e confiança.

A Delegaçaõ do Poder Executivo, que o Congresso regeitara por anti-constitucional, agora já uma Commissaõ do seio d' este Congresso nol-a offerece, e com tal liberalidade, que em vez de um centro do mesmo poder, de que sò precisaveis, vos querem conceder dous, e mais. Que generosidade inaudita! Mas quem naõ vê que isto só tem por fim destruir a vossa força, e integridade, armar Provincias contra Provincias, e Irmãos contra Irmãos.

Accordemos pois, Generosos Habitantes d'este Vasto, e poderoso Imperio, està dado o grande passo da Vossa Independencia, e Felicidade à tantos tempos preconisadas pelos grandes Poli-

ticos da *Europa*. Já sois um Povo Soberano; já entrastes na grande Sociedade das Naçōes independentes, a que tinheis todo o direito. A Honra, a Dignidade Nacional, os desejos de ser venturosos, a voz da mesma Natureza mandam que as Colonias deixem de ser Colonias, quando chegam á sua virilidade, e ainda que tractados como Colonias naõ o ereis realmente, e até por fim ereis um Reino. Demais; o mesmo direito que teve *Portugal* para destruir as suas instituiçōes antigas, e constituir-se, com mais razaõ o tendes vós, que habitais um vasto, e grandioso Paiz, com uma Povoaçaõ (bem que disseminada) já maior que a de *Portugal*, e que irá crescendo com a rapidez, com que caiem pelo espaço os corpos graves. Se *Portugal* vos negar esse direito, renuncie elle mesmo ao direito, que pode allegar para ser reconhecida a sua nova Constituiçaõ pelas Naçōes Estangeiras, as quaes entaõ poderiam allegar motivos justos para se intrometterem nos seos negocios domesticos, e para violarem os attributos da Soberania, e Independencia das Naçōes.

Que vos resta pois, Brasileiros? Resta-vos reunir-vos todos; em interesses, em amor, em esperanças; fazer entrar a Augusta Assembléa do *Brasil* no exercicio das suas funcçōes, para que maneando o leme da Razaõ, e Prudencia, haja de evitar os escolhos, que nos mares das revoluçōes appresentam desgraçadamente *França*, *Hespanha*, e o mesmo *Portugal*; para que marque com mão segura, e sabia a partilha dos Poderes, e firme o Codigo da vossa Legislação na san Philosophia, e o applique às vossas circunstancias peculiares.

Não o duvideis, *Brasileiros*; vossos Representantes occupados não de vencer renitencias; mas de marcar direitos, sustentarám os vossos, calcados aos pés, e desconhecidos á trez seculos: consagrarám os verdadeiros principios da Monarchia Representativa *Brasileira*: declararám Rei d'este bello Paiz o Senhor *D. João VI.*, Meo Augusto Pae, de Cujo amor estais altamente possuidos: cortarám todas as cabeças à Hydra d'anarchia, e a do Despotismo: imporám a todos os Empregados, e Funccionarios Publicos a necessaria responsabilidade; e a vontade legitima, e justa da Nação nunca mais verá tolhido a todo o instante o seo vôo magestoso.

Firmes no principio invariavel de naõ sanccionar abusos, donde a cada passo germinam novos abusos, vossos Representantes espalharám a luz, e nova ordem no cahos tenebroso da Fazenda Publica, d' Administraçaõ economica, e das Leis Civis, e criminaes. Terám o valor de crer que ideas uteis, e necessarias ao bem da nossa especie naõ sam destinadas somente para ornar paginas de livros, e que a perfectibilidade, concedida ao homem pelo Ente Creador, e Supremo deve naõ achar tropeço, e concorrer para a ordem social, e felicidade das Naçōes.

Dar-vos-ham um Codigo de Leis adequadas á Natureza das vossas circunstancias locaes, da vossa Povoação, interesses, e relaçōes, cuja execução será confiada a Juizes integros, que vos administrem justiça gratuita, e façam desapparecer todas as trapaças do vosso Foro, fundadas em antigas Leis obscuras, ineptas, complicadas, e contradictorias. Elles vos darám um Codigo penal dictado pela razão, e humanidade, em vez d'essas Leis sanguinosas, e absurdas, de que até agora fostes victimas cruentas. Tereis um systema d'impostos, que respeite os suores d'Agricultura, os trabalhos da Industria, os perigos da Navegação, e a liberdade do Commercio: um systema claro, e harmonioso, que facilite o emprego e circulação dos cabedaes, e arranque as cem chaves mysteriosas, que fechavam o escuro Labyrintho das Finanças, que não deixavam ao Cidadão lobrigar o rasto do emprego, que se dava ás rendas da Nação.

Valentes Soldados, taõbem vós tereis um Codigo Militar, que, formando um Exercito de Cidadãos disciplinados, reuna o valor, que defende a Patria às virtudes civicas, que a protegem e seguram.

Cultores das Letras, e sciencias, quasi sempre aborrecidos, ou desprezados pelo despotismo, agora tereis a estrada aberta, e desempeçada para adquirirdes gloria, e honra. Virtude, Merecimento, vós vireis junctos ornar o Sanctuario da Patria, sem que a intriga vos feixe as avenidas do Throno, que só estavam abertas à hypocrisia, e à impostura.

Cidadãos de todas Classes, Mocidade Brasileira, vós tereis um Codigo d' Instrucçaõ publica Nacional, que fará germinar, e vegetar viçosamente os talentos d' este clima abençoado, e collocará a nossa Constituiçaõ debaixo da salva-guarda das gerações futuras, transmittindo a toda a Naçaõ uma educaçaõ Liberal, que communique aos seos Membros a instrucçaõ necessaria para promoverem a felicidade do Grande Todo Brasileiro.

Encarai, Habitantes do *Brasil*, encarai a perspectiva de Gloria, e de Grandeza, que se vos ant'olha: naõ vos assustem os atrazos da vossa situaçaõ actual; o fluxo da civilisaçaõ começa a correr já impetuoso desde os desertos da California até ao estreito de Magalhães. Constituiçaõ, e Liberdade Legal sam fontes inesgotaveis de prodigios, e seram a ponte por ordem o bom da velha, e convulsa Europa passará ao nosso continente. Naõ temais as Naçōes Estrangeiras: a *Europa*, que reconheceo a Independencia dos Estados Unidos d' America, e que ficou neutral na luta das Colonias Hespanholas, naõ pode deixar de reconhecer a do *Brasil*, que, com tanta justiça, e tantos meios, e recursos, procura taõbem entrar na grande Familia das Naçōes. Nós nunca nos envolveremos nos seos negocios particulares; mas ellas taõbem naõ quererám perturbar a paz e commercio livre, que lhes offerecemos; garantidos por um Governo Representativo, que vamos estabelecer.

Não se ouça pois entre vós outro grito que não seja — UNIÃO. — Do *Amazonas* ao *Prata* não retumbe outro écho, que não seja — INDEPENDENCIA. — Formem todas as nossas Provincias o feixe mysterioso, que nenhuma força póde quebrar. Desappareçam de uma vez antigas preoccupaçōes, substituindo o amor do bem geral ao de qualquer Provincia, ou de qualquer Cidade. Deixai, ó *Brasileiros*, que escuros blasphemadores soltem contra vós, contra Mim, e contra o nosso Liberal Systema injurias, calumnias, e baldões: lembrai-vos que, se elles vos louvassem — o *Brasil* estava perdido. — Deixai que digam que attentamos contra *Portugal*, contra a Mãe Patria, contra os nossos bemfeitores; nós, salvando os nossos direitos, punindo pela nossa justiça, e consolidadando a nossa Liberdade, queremos salvar a *Portugal* de huma nova classe de tyramnos.

* ii

Deixai que clamem que nos rebellamos contra o nosso Rei: Elle sabe que O amamos, como a hum Rei Cidadão, e queremos salval-O do affrontoso estado de captiveiro, a que O reduziram; arrancando a mascara da hypocrisia a Demagogos infames, e, marcando com verdadeiro Liberalismo os justos limites dos poderes politicos. Deixai que vozeem, querendo persúadir ao Mundo que quebramos todos os laços de união com nossos Irmãos da *Europa*; não; nós queremos firmal-a em bases solidas, sem a influencia de um partido, que vilmente desprezou nossos direitos, e que, mostrando-se á cara descoberta tyranno, e dominador em tantos factos, que já se não podem esconder, com deshonra, e perjuizo nosso, enfraquece, e destróe irremediavelmente aquella força moral, tão necessaria em um Congresso, e que toda se apoia na opinião publica, e na justiça.

Illustres Bahianos, porçaõ generosa, e malfadada do Brasil, a cujo Sòlo se tem agarrado mais essas famintas, e impéstadas harpyas, quanto Me punge o vosso destino! Quanto o naõ poder á mais tempo ir enxugar as vossas lagrimas, e abrandar a vossa desesperaçaõ! Bahianos, o brio he a vossa divisa, expelli do vosso seio esses monstros, que se sustentam do vosso sangue; naõ os temais, vossa paciencia faz a sua força. Elles já naõ sam Portuguezes, expelli-os, e vinde reunir-vos a Nós, que vos abrimos os braços.

Valentes Mineiros, intrepidos Pernambucanos Defensores da Liberdade Brasilica, voai em soccorro dos vossos visinhos Irmãos: naõ he a causa de uma Provincia he a causa do Brasil, que se defende na Primogenita de *Cabral.* Extingui esse viveiro de fardados Lobos, que ainda sustentam os sanguinarios caprichos do partido faccioso. Recordai-vos, Pernambucanos das fogueiras do *Bonito*, e das scenas do *Recife.* Poupai porèm, e amai, como Irmãos a todos os Portuguezes pacificos, que respeitam nossos direitos, e desejam a nossa, e sua verdadeira felicidade.

Habitantes do Ceará, do Maranhão, do Riquissimo Parà, Vòs todos das bellas, e amenas Provincias do Norte, vinde exarar, e assignar o Acto da nossa Emancipaçaõ, para figurarmos (he tempo) directamente na grande associaçaõ politica. *Brasileiros* em geral! Amigos, reunamo-nos; Sou Vosso Compatriota, Sou Vosso Defensor; encaremos, como unico premio de nossos suores, a honra, a gloria, a prosperidade do *Brasil.* Marchando por esta estrada ver-Me-heis sempre à vossa frente, e no logar do maior perigo. A Minha Felicidade (convencei-vos) existe na vossa felicidade: he Minha Gloria Regèr um Povo brioso, e livre. Dai-Me o exemplo das Vossas Virtudes; e da Vossa União. Serei Digno de vòs. Palacio do Rio de Janeiro em o primeiro d'Agosto de 1822.

PRINCIPE REGENTE.

NA IMPRENSA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.

MANIFESTO
DO
PRINCIPE REGENTE
DO BRASIL
AOS
GOVERNOS, E NAÇÕES AMIGAS.

DESEJANDO Eu, e os Povos, que Me reconhecem como Seu Principe Regente, Conservar as relações politicas, e commerciaes com os Governos, e Nações Amigas deste Reino, e Continuar a Merecer-lhes a approvaçaõ e estimaçaõ, de que se faz crédor o caracter Brasileiro; Cumpre-Me expor-lhes succinta, mas verdadeiramente a série dos factos e motivos, que Me tem obrigado a annuir à vontade geral do Brasil, que proclama à face do Universo a sua Independencia politica; e quer, como Reino Irmaõ, e como Naçaõ grande e poderosa, conservar illesos e firmes seus imprescriptiveis direitos, contra os quaes Portugal sempre attentou, e agora mais que nunca, depois da decantada Regeneraçaõ politica da Monarchia pelas Cortes de Lisboa.

Quando por um acaso se appresentara pela vez primeira esta rica e vasta Regiaõ Brasilica aos olhos do venturoso Cabral, logo a avareza e o proselytismo religioso, moveis dos descubrimentos e Colonias modernas, se apoderaram della por meio de conquista; e leis de sangue, dictadas por paixões, e sordidos interesses, firmàram a tyrannia Portugueza. O Indigena bravio, e o Colono Europeo foram obrigados a trilhar a mesma estrada da miseria e escravidaõ. Se cavavam o seio de seus montes para delles extrahirem o ouro, leis absurdas, e o *Quinto* vieram logo esmorecêl-os em seus trabalhos apenas encetados: ao mesmo tempo que o Estado Portuguez com sôfrega ambiçaõ devorava os thesouros, que a benigna Natureza lhes offertava, fazia tambem vergar as desgraçadas Minas sob o pezo do mais odioso dos tributos, da *Capitaçaõ*. Queriam que os Brasileiros pagassem atè o ar que respiravam, e a terra que pizavam. Se a industria de alguns homens mais activos tentava dar nova forma aos productos do seu sòlo, para com elles cubrir a nudez de seus filhos, leis tyrannicas o empéciam, e castigavam estas nobres tentativas. Sempre quizeram os Europeos conservar este rico Paiz na mais dura e triste dependencia da Metropoli; porque julgavam ser-lhes necessario estancar, ou pelo menos empobrecer a fonte perenne de suas riquezas. Se a actividade de algum Colono offerecia a seus Concidadãos, de quando, em quando algum novo ramo de riqueza rural, naturalizando vegetaes exoticos, uteis, e preciosos, impóstos onerosos vinham logo dar cabo de taõ felizes começos. Se homens emprehendedores ousavam mudar o curso de caudalosos ribeirões, para arrancarem de seus alveos os diamantes, eram logo impedidos pelos agentes crueis do monopolio, e punidos por leis inexoraveis. Se o superfluo de suas producções convidava e reclamava a troca de outras producções estranhas, privado o Brasil do mercado geral

*

seu poder todas as Attestaçoens necessarias de boa conducta, exacção, e prestimo durante o seu emprego na Secretaria da Intendencia, como Official e Interprete; e que se requereu a Demissão do Lugar, foi por lhe parecer desairoza a conservação de hum Lugar Publico aonde elle foi tratado tão mesquinhamente, tendo sempre cumprido os seus deveres, e sujeitado-se até a servir lugares que jámais lhe poderião pertencer.

REQUERIMENTO.

SENHOR.

DIz Luiz Sebastião Fabregas Surigué, que achando-se desde 19 de Agosto de 1823 empregado em a Secretaria da Intendencia Geral da Policia na qualidade de Interprete e Official della, e tendo servido desde o seu ingresso até meado do mez de Maio proximo passado, teve então o grave desgosto, e desairosa semsaboria de se ver quasi que insensivelmente envolvido na embrulhada que deo occasião á Portaria do Ministerio da Justiça de 19 de Maio de 1824, que por isso que já foi levada á Augusta Presença de V. M. I., torna inutil nova exposição, visto que nella teria o supplicante de replicar contra a maneira pouco decente, e menos liza com que se procurou indispor o Animo de V. M. I. contra o suppplicante: E como que em huma tal situação, e á vista da educação do supplicante, e sua constante conducta, se torna inconsistente com o seu modo de pensar, e de orçar as vantagens e interesses desta vida, continuar a servir no Lugar onde teve de experimentar tão sensivel dissabor; — Pede a V. M. I. Se Sirva Ordenar se lhe dê demissão do Lugar de Interprete e Official da Secretaria da Policia, Lugar nunca por elle requerido, e que lhe havia sido conferido pela mui reconhecida concurrencia de circunstancias, de prestimo, e bôa conducta, reservando-se o direito de se offerecer a V. M. I. para bem do Serviço Nacional, e na extensão das suas forças; protestando humildemente contra a maneira verdadeiramente desabrida, com que se procurou aggravar na Presença de V. M. I. hum simples desforço contra o augmento de Serviço Oneroso e com clausulas desairosas, como se jámais fosse, oú tivesse sido necessario, estimular o supplicante no desempenho de seus deveres, desempenho não só publico e notorio, como attestado pelas Autoridades com quem lhe coube servir. Roga, por tanto, a V. M. I. Se Digne Ordenar se dê ao supplicante a demissão requerida. E R. M.

Luiz Sebastião Fabregas Surigué.

RIO DE JANEIRO 1824. NA TYPOGRAPHIA DE TORRES.